

1º Congreso Iberoamericano de Museos Universitarios

Título: A comunidade, a Universidade e a cidade de São Paulo por meio do olhar das crianças da São Remo: o trabalho socioeducativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Autores:

Prof. Dr. Camilo de Mello Vasconcellos - Docente MAE-USP
Ms. Maurício André Silva - Educador MAE-USP

Contato:

cmvasco@usp.br
mauricio.andre.silva@usp.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo ampliar as reflexões sobre o trabalho educativo desenvolvido pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo com um grupo de crianças da comunidade Jardim São Remo (vizinha à Universidade, com 12 mil habitantes). O projeto é realizado em parceria com a ONG Espaço Girassol, que oferece atividades socioeducativas no contraturno escolar para o público na faixa etária entre 7 e 12 anos. Por meio do oferecimento de ações semanais com um mesmo grupo desde 2014, busca-se ampliar o caráter social do Museu e contribuir com a quebra das barreiras reais e simbólicas que segregam a comunidade do uso dos espaços da Universidade. Estão sendo realizadas atividades e oficinas a partir das temáticas da arqueologia e da etnologia, que ampliam as noções de diversidade cultural no passado e no presente. A aproximação com a área da antropologia tem permitido evidenciar o olhar das crianças para o local que moram, suas relações com diferentes patrimônios, seus desejos para a Universidade e para a cidade em geral. Como resultados preliminares, percebe-se a ampliação do repertório dos participantes, apropriação afetiva do espaço dos museus e sua linguagem museológica e uma maior percepção das atividades de extensão oferecidas pela própria USP.

Introdução

O Museu de Arqueologia e Etnologia da USP é um Museu Universitário que possui sob a sua guarda um importante acervo de arqueologia e etnologia, na cidade de São Paulo. A Ação Educativa do Museu tem uma longa trajetória no oferecimento de atividades de extensão para diferentes públicos. Essas atividades, que partem de diferentes pesquisas em torno de seus acervos arqueológico e etnográficos foram pioneiras no âmbito da educação em museus no contexto brasileiro (BRUNO, 1998, 1995; BRUNO, VASCONCELLOS, 1988; CARNEIRO, 2009; HIRATA, 1985; VASCONCELLOS, 2005, 2010).

O MAE-USP no compromisso de ampliar sua dimensão social, vem desenvolvendo diferentes projetos com a comunidade Jardim São Remo, vizinha do campus da Universidade onde moram em torno de 12 mil pessoas. A comunidade surgiu com pessoas que vieram construir o campus da Universidade, na segunda metade do século XX, muitos eram migrantes da região nordeste do país, que buscavam melhoria de vida na cidade. Nesse processo esses trabalhadores ocuparam uma parte do terreno do campus reivindicando moradia. Desde então a comunidade passou por diversos momentos de luta, em que se buscou melhorias no espaço, como infraestrutura, educação, saúde, entre outras reivindicações. Boa parte de seus moradores tem uma intensa relação com a Universidade, pois trabalham em diversos serviços, sobretudo na área terceirizada da limpeza e da vigilância.

Diferentes unidades de ensino da USP realizam trabalhos com os moradores do Jardim São Remo, sobretudo das áreas de saúde e psicologia. Entretanto, esses trabalhos ainda são tímidos mediante a dimensão da Universidade e o papel social que poderia desempenhar. Destaca-se o Programa Avizinhar, desenvolvido entre os anos de 1998 e 2007, que tinha como objetivo aproximar as relações entre a Universidade e os moradores da São Remo (ROCHA, 2016). Entretanto, avalia-se que ainda são necessárias mais iniciativas nesse sentido.

O MAE-USP fica próximo a uma das entradas principais de pedestres da comunidade, e desde a sua instalação neste local no ano de 1993, vem realizando diferentes trabalhos com os moradores da São Remo. (VASCONCELLOS, 2005; 2010). Serão apresentadas as ações desenvolvidas com a ONG Espaço Girassol, mantida pela *Associação Metodista Livre Agente* que atua com crianças em vulnerabilidade social e também serão discutidos os trabalhos desenvolvidos entre o período de 2005 a 2008 e 2014 até os dias atuais.

São objetivos desse projeto:

- Ampliar a função social de uma instituição museológica mediante o trabalho com públicos inclusivos que geralmente não possuem acessos a esses espaços;
- Contribuir para o aprofundamento da relação entre a Universidade e as comunidades do seu entorno por meio de projetos de cultura e extensão;
- Aprofundar as discussões acerca do conceito de diversidade cultural na perspectiva de que a convivência com as diferenças culturais podem levar a sua compreensão e estabelecer um processo de interação social;
- Abordar a questão da relação com o diferente por meio dos acervos e oficinas desenvolvidas;
- Engajar as comunidades do entorno em relação ao seu território e aos espaços da Universidade.

O papel social dos museus.

A discussão do papel social dos museus se ampliou nas últimas décadas, com uma série de desdobramentos que incrementaram a relação dessas instituições com a diversidade de públicos e comunidades do seu entorno. A partir da segunda metade do século XX, os museus passaram por uma série de transformações impulsionadas por experimentações de novos modelos museológicos, debates, encontros e trocas de experiências, mesas redondas nos contextos latino-americanos, pela criação de novas linhas teóricas, além das demandas da sociedade. Esses espaços saíram de uma pretensa neutralidade e de uma idealização do passado para uma atuação conjunta com as populações (CHAGAS, 2008).

Não se pode perder de vista que essas instituições, por meio de sua historicidade e relação com a sociedade brasileira, ainda possuem resquícios que as colocam em alguns momentos de atuação como elitistas, autoritárias, acríicas, conservadoras e inibidoras (CHAGAS, 2008). Cabe entender essas problemáticas e criar medidas para que continuem acompanhando de forma efetiva as mudanças da sociedade. Essas discussões em torno de um novo fazer museológico remontam às décadas de 1960 e 1970, mas ainda soam como novas, mesmo quando já temos quatro décadas de experimentações. É um desafio, portanto, não somente avaliar esse legado e trajetória, mas também pensar em novas propostas e ações.

Gabriela Aidar (2002), preocupada com o acesso de públicos que historicamente estão excluídos socialmente (sistemas políticos, mercado de trabalho, elos familiares e comunitários), discute os museus como instrumento de mudança social no nível do

indivíduo, da comunidade e da sociedade. O desenvolvimento de estratégias que superem barreiras excludentes, visíveis e invisíveis, de indivíduos e grupos da frequência aos museus é necessário para o fortalecimento de seu papel social.

Historicamente ao se considerar a compreensão a respeito do papel social dos museus, pode-se perceber que esta concepção sofreu mudanças e alterações a partir de diferentes projetos políticos e institucionais. Um princípio que se tornou uma preocupação constante por parte dos profissionais da área museológica foi o tema da conquista de novos públicos que se encontravam totalmente alijados dessas instituições. A consciência se deu no sentido de que essa instituição somente seria uma referência importante para populações de baixos recursos e ou completamente alheias ao universo museológico, caso houvesse uma ação de dentro para fora no sentido de que os museus e seus profissionais comprometidos com uma museologia de linha social deveriam assumir uma postura de abertura, na perspectiva de transformar ações que pudessem ter como consequência novas demandas sociais. Uma dessas ações efetivas e que ganharam força nos últimos anos tem relação com o paradigma da inclusão social.

Esta é uma discussão que atravessa diversos segmentos, iniciativas, instituições e, inclusive, se constitui em plataformas delineadoras de políticas públicas que se proclamam defensoras dos princípios da inclusão social em seus mais distintos formatos de atuação. Quando se opta por assumir princípios da inclusão social em trabalhos museológicos, deve se ter clareza de que esta prática amplia a utilidade social dos museus e que se assume também o papel ideológico de que as instituições, por serem públicas, possuem grande responsabilidade com esta mesma sociedade que as mantém. Por isso mesmo devem atuar como agentes de mudanças sociais.

Neste sentido, os museus são instituições públicas que contam com um papel social de relevância e, por isto, devem assumir e atuar como agente de transformações, convertendo-se em ferramentas para a inclusão social, especialmente daqueles segmentos que se encontram completamente alheios e distantes desses espaços que, especialmente no Brasil, ainda se configura como algo que deve ser conhecido e apropriado.

Neste caso, o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, localizado no campus da Cidade Universitária e que tem como vizinha a comunidade São Remo, com milhares de pessoas em condições de vulnerabilidade social, assume o compromisso do desenvolvimento de diferentes trabalhos. A Universidade, assim como o Museu é a paisagem imediata para os moradores da São Remo, assim como para o Museu a comunidade está diariamente na sua frente como um local a ser conhecido e

aproximado. O trabalho desenvolvido busca romper barreiras físicas e simbólicas que atuam diariamente na segregação desses espaços e transformar o Museu em uma paisagem afetiva para essa comunidade.

Projeto Girassol – 2005 a 2008.

Entre os anos de 2005-2008, foi iniciada uma proposta de trabalho com a ONG Espaço Girassol localizada no Jardim São Remo, com a nítida intenção de que pudessem se aproximar do Museu. Desta forma, a direção da ONG foi procurada e foi apresentado o desejo de se retomar um projeto de longo prazo que não fosse apenas uma visita ao MAE-USP, mas que tivesse outros desdobramentos. Foi demonstrado um grande interesse no desenvolvimento de uma proposta conjunta que envolvesse o corpo docente, as crianças, os pais e o MAE-USP.

Desta maneira, foram levantados três eixos temáticos que orientaram o trabalho nesse período com as crianças:

1. Função e natureza de uma instituição museológica.
2. Influências das sociedades africanas no Brasil.
3. Influências das sociedades indígenas em Brasil.

Para trabalhar o eixo temático relacionado com a função da natureza do museu, foi desenvolvida uma estratégia de trabalho que foi iniciada com a discussão da noção de coleção. Para tanto, foram selecionadas diversas coleções de objetos que as crianças normalmente guardam: brinquedos, latas de refrigerantes, revistas em quadrinhos, figurinhas, chaveiros, entre outros. A partir disso, foi proposto a realização de algumas atividades de caráter museológico tais como organizar estas coleções com base em alguns critérios: cor, formato, tamanho, etc. Depois desta atividade, realizada na sede da escola, as crianças foram na semana seguinte ao MAE e, por meio de uma visita à exposição de longa duração, o conceito de coleção foi retomado, mas desta vez com objetos de diferentes sociedades representadas no acervo.

Dando sequência às demais visitas, foram abordados diversos aspectos da influência das sociedades africanas no Brasil. Definiu-se um tema gerador orientado para a exploração do conceito de diversidade cultural a partir de alguns aspectos: na cultura material (máscaras africanas e instrumentos musicais), na dança, na gastronomia, nos brinquedos e jogos africanos.

Todas essas atividades contaram com visitas à exposição de longa duração e com oficinas orientadas à exploração das temáticas mencionadas. Desta forma, ocorreram oficinas de confecção de máscaras africanas, de instrumentos musicais a partir de materiais reciclados, de dança e de gastronomia. Estas duas últimas contaram

com a participação de Antonia Vimbai Chonyera, originária do Zimbabwe, que inclusive realizou na escola um prato típico de seu país e que toda a comunidade da escola desfrutou com grande interesse e participação. Esta mesma abordagem metodológica também ocorreu com o tema da influência das sociedades indígenas no país com a realização de diversas oficinas de gastronomia, danças, músicas, produção cerâmica e sobre o trabalho do arqueólogo, inclusive com uma escavação simulada realizada na sede do MAE.

A avaliação ao longo desses três anos de desenvolvimento do projeto, demonstrou a validade de se estabelecer processos significativos para as crianças no que se referia à vivência de uma instituição museológica, que deixou de ser apenas um lugar curioso e diferente, para assumir-se como um lugar de descobrimento, de reflexão e construção de conhecimentos. O projeto nesse momento criou também uma referência da criança com a instituição museu, o que contribuiu para que houvesse uma apropriação efetiva deste espaço e criou laços de familiaridade não somente com esta instituição, mas também com a própria Universidade, que deixou de se constituir apenas como um lugar de circulação para seus habitantes e se tornou, sobretudo, uma referência como espaço de pesquisa, ensino, extensão e diversão.

A partir de 2008, a escola, que anteriormente funcionava vinculada a uma organização não governamental (ONG), foi assumida pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo para torna-se mais uma unidade de Educação Infantil da rede pública de ensino o que acabou dificultando a parceria como Museu, levando, inclusive, à interrupção do projeto até o ano de 2014, quando foi retomado levando em conta as estratégias desenvolvida anteriormente, e agregado outras perspectivas para o período de 2014 até os dias atuais.

Retomada do Projeto em 2014.

O projeto em 2014 foi retomado a partir do trabalho contínuo com um grupo de 15 crianças entre 7 e 9 anos. A direção da ONG procurou o Museu devido aos resultados positivos dos trabalhos anteriores para se pensar em novas estratégias. Desde então, e até os dias atuais, são realizados encontros semanais com o mesmo grupo, nos quais são realizadas diferentes atividades abordando temáticas da arqueologia, etnologia e museologia¹.

¹ Cabe ressaltar que ao longo desses anos o projeto contou com a participação de bolsistas de graduação da Universidade no âmbito do Programa Unificado de Bolsas, Ananda Zendron, Diego Peralta, Júlia Galdino, Juliana Alvarenga, Márcia Strabelli e Thaís Neves Macedo.

Em relação às atividades do ano de 2014, a partir do eixo gerador “Quem é o outro” desenvolvido pela ONG, foi explorado o tema da diversidade cultural a partir do acervo arqueológico e etnográfico do Museu. Em relação à temática da arqueologia, buscou-se refletir sobre as mudanças e continuidades implementadas pelas populações indígenas no território chamado hoje de Brasil. Por meio da apresentação e discussão da metodologia da disciplina arqueológica, evidenciaram-se como os arqueólogos criam diferentes interpretações do passado. Da mesma forma foram trabalhadas algumas temáticas como: cultura material, história indígena, preservação, herança e diversidade cultural no passado. Foram desenvolvidas diferentes oficinas lúdicas como escavação simulada, uso de maquetes táteis, oficinas de produção cerâmica, trabalho na Reserva Técnica Visitável e visita à exposição “Culturas Mestiças” no *Instituto Tomie Otake*, com o enfoque nas coleções do MAE-USP, emprestadas para esta mostra.

Por meio da abordagem da etnologia brasileira, africana e afro-brasileira discutiu-se o papel da diversidade cultural no presente. Almejou-se ampliar a noção sobre as culturas na sociedade brasileira. Foram abordadas temáticas como diversidade cultural, alteridade, cultura material, preconceito, arte indígena e africana, entre outros. Para tanto, foram realizadas atividades com o Kit de Objetos Infantis Indígenas, produção de carimbos com grafismos, realização de pintura corporal com a aluna indígena da USP, do grupo Mura, Márcia Nunes Maciel e seus filhos, produção de máscaras africanas e, finalmente, foi visitado o Museu AfroBrasil localizado no Parque do Ibirapuera em São Paulo.

Como finalização das atividades do ano foi concebida uma exposição para apresentar todo o processo de trabalho. A museóloga do MAE Ms. Viviane Wermelinger Guimarães por meio de estratégias participativas concebeu com as crianças a exposição *Pequenos Aprendizes do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, que ficou aberta ao público no espaço da ONG em dezembro de 2015 e janeiro de 2016.





Fotos 1 e 2. Oficina sobre o conceito de coleção em um museu. Oficina com a indígena Mura, Márcia Nunes Maciel sobre diversidade cultural. Fotos 3 e 4. Oficina na Reserva Técnica Visitável. Visita aos laboratórios do MAE-USP. Foto Acervo MAE-USP, 2014.

No segundo ano do projeto, a partir da abordagem do eixo gerador desenvolvido pela ONG “*Onde estou?*”, foi abordada a própria comunidade na qual as crianças vivem, o campus da Universidade e a cidade de São Paulo. O objetivo foi conhecer os locais de afeto dos participantes em seu próprio bairro, assim como lançar novos olhares para os diversos serviços e locais que a Universidade oferece, com o objetivo de ampliar repertórios.

O Jardim São Remo foi pesquisado com um olhar antropológico por meio do uso da linguagem fotográfica para se mapear os patrimônios locais. O fotógrafo do Museu Ader Gotardo introduziu a linguagem da câmera escura, e da fotografia digital. Foi levantado como locais patrimoniais na comunidade, o campo de futebol, uma das poucas áreas amplas na comunidade; o Circo Escola, ONG que oferece diferentes atividades socioeducativas; o supermercado Roldão, que segundo as próprias crianças é “onde se compram coisas gostosas” e, por fim, a própria ONG Espaço Girassol, espaço em que as crianças passam boa parte do tempo.

Na Universidade foi visitado o Museu de Arte Contemporânea, o Museu de Oceanografia, o Museu de Anatomia Veterinária, a Reitoria que na ocasião estava com uma exposição do MAE-USP e o Museu de Geociências, todos desconhecidos para as crianças até o momento. Em relação à cidade de São Paulo, foram explorados o centro histórico e seus diferentes prédios. Essas saídas tiveram o objetivo de trabalhar a noção do direito à cidade. Ao final desse processo, novamente foi concebida uma exposição com a museóloga do MAE, denominada “*Passeando pelo mundo*”. Nesta ocasião o evento ocorreu dentro do MAE-USP, e na inauguração mais de cem pessoas estavam presentes como as crianças do projeto e seus pais. Alguns pais que passavam

cotidianamente pelo Museu, nunca haviam adentrado nesse espaço e hoje já o fazem munidos de outro olhar.



Fotos 5 e 6. Levantamento do patrimônio local da comunidade São Remo. Visita ao centro histórico da cidade de São Paulo. Fotos 7 e 8. Visita a exposição Olhares Cruzados no MAC-USP e Oficina de Cartografia dos locais afetivos na Universidade. Fotografias Acervo MAE-USP, 2015.

Finalmente em 2016, o eixo gerador abordado pela ONG e aproveitado pelo Museu foi *Como me torno um agente de transformação na comunidade?* Foram elaboradas oficinas para identificação e solução de problemas da comunidade São Remo por meio do levantamento antropológico. As crianças com seus cadernos de campo identificaram problemas na comunidade que poderiam melhorar, sendo o lixo o mais evidente. Dessa forma abordou-se a história da humanidade e a produção de resíduos, de lixos. Aproveitou-se a dimensão que a arqueologia em suas pesquisas lida com vestígios que foram descartados por populações pretéritas. O projeto atuou em melhorias no âmbito interno da ONG e como atividade prática, todo o lixo orgânico produzido pela instituição passou a ser reciclado por meio da construção de um minhocário coletivo. Para fechar o ano, foi produzido uma animação com o uso da linguagem do *Stop Motion*, que foi apresentado na festa de encerramento realizada na comunidade.

Em 2017 o trabalho continua a ser realizado com a ONG Projeto Girassol, mas agora com um novo grupo de crianças. Busca-se a partir dessas experiências anteriores aprimorar as ações do Museu e por sua vez conceber estratégias engajadas com as demandas locais do público.

Considerações e reflexões finais.

Esse projeto para o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP tem um papel importante pois coloca o desafio de se trabalhar com populações que geralmente não possuem acesso à diferentes espaços culturais e, por sua vez, amplia o desafio de se abordar por meio do seu acervo a diversidade cultural de populações marginalizadas no processo histórico brasileiro, como as indígenas e as afro-brasileiras.

O trabalho desenvolvido tem demonstrado que o gosto por visitar museus é uma construção social e está relacionada com o acesso que as pessoas possuem a esses locais durante a sua formação. As crianças que participam do projeto têm, cada vez mais, se apropriado dos espaços museológicos assim como desenvolvido também uma atitude afetiva por esses locais. Acredita-se que esse projeto tem contribuído para a quebra das barreiras simbólicas que impedem as pessoas de visitarem e se apropriarem dos museus, assim como de diversos espaços e serviços oferecidos pela Universidade.

Finalmente, serão apresentadas algumas propostas em relação ao trabalho educativo nos museus com públicos inclusivos que são fundamentais na definição de uma metodologia de ação, (VASCONCELLOS, 2013):

1. Os trabalhos museológicos que possuem como preocupação o tema da inclusão social devem ter como perspectiva de atuação, que estes não se constituem em uma política assistencialista, mas que efetivamente devem gerar a participação dos sujeitos no sentido de buscar sua integração na sociedade. Como instituições públicas, os museus devem assumir o compromisso ideológico e político de sua responsabilidade com a sociedade a qual pertencem e da qual dependem para seguir existindo;

2. Os projetos de inclusão social podem acarretar mudanças individuais com o desenvolvimento da autoestima dos cidadãos envolvidos, pois trabalham na perspectiva da identidade e do pertencimento;

3. Todas estas ações podem, em uma perspectiva mais ampla, fazer com que as instituições museológicas reconsiderem a sua política cultural e seu planejamento, assim como demandam novas posturas e percepções de seus profissionais;

4. O objetivo destas ações é que se constituam uma política cultural permanente de cada instituição e que, no futuro deixem de ser apenas atos isolados para tornarem-

se políticas públicas efetivas de inclusão social nas instituições museológicas brasileiras. Consideramos que não corresponde somente aos educadores de museus atuarem na perspectiva de uma sociedade mais igualitária e democrática quando decidimos trabalhar com os chamados “excluídos”. Esta atuação pode se tornar um fator aglutinador que mobilize a toda a instituição museológica em favor desta luta que constitui, acima de tudo, na discussão de uma sociedade realmente mais justa e democrática.

Referências Bibliográficas.

AIDAR, Gabriela. Museus e inclusão social. **Ciências & Letras**, n. 31, p. 53-62, 2002.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museu do Instituto de Pré-História**: um museu a serviço da pesquisa científica. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira **Musealização da Arqueologia**: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; VASCONCELLOS, Camilo Mello. . A Proposta Educativa do Museu de Pré-História Paulo Duarte. **Revista de Pré História**, São Paulo, v. 7, p. 165-186, 1988.

CARNEIRO, Carla Gibertoni. **Análise de Ações Educativas relativas a Programas de Resgate Arqueológico**. 2009. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CHAGAS, Mário de Souza. A Radiosa Aventura dos Museus. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Kátia Regina Felipini (Coord.). **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento**: propostas e reflexões museológicas. São Cristovão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008. P. 113-123.

ROCHA, Mariana Machado. **Quando a favela é extensão**: o Programa Avizinhar em meio às relações entre a USP e a São Remo. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. A função educativa de um museu universitário e antropológico: o caso do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. **Cadernos CEOM**, n. 21, p. 289-298, 2005.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. O papel social e educacional dos museus: um estudo de caso do projeto girassol do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. In: Sylvania do Nascimento; Ana Paula Bossler. (Org.). **Museu-Escola Isto me lembra uma história**. Belo Horizonte: UFMG, v. 1, p. 1-13, 2010.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Patrimonio, memoria y educación: una visión museológica. *Memoria y Sociedad* 17, no. 35, 2013.